**A Serpente do Éden**

(A Volta dos Deuses Astronautas, 2020)

Haviam se passado três dias desde a cerimônia de oficialização dos Deuses de Nooeva. O Velho passou quase toda a festa ao lado daquele incrível, memorável, fantástico casal! E que mulher! Quanta beleza, não apenas em seu corpo, mas especialmente em seu espírito, em seu coração. Era óbvio que o próximo documento escrito pelo Velho seria o registro das palavras que a doce Serpente do Éden relatou em seu diário. Onde o recuperamos mesmo? Oh, estava com aquele guerreiro da Terra… Quem sou eu? Oh, eu sou aquele que narra. Se você já leu outras histórias Dele, já leu algumas de minhas notas. Eu sou aquele que conta. O Velho é o documentador, e eu sou o Bardo… Vamos começar:

Os primeiros sinais foram ignorados pela maioria das pessoas. Quando você passa tantos anos convivendo com acontecimentos bizarros, envolvendo magia, tecnologia avançada, invasões alienígenas e outros tantos dignos das histórias em quadrinhos, depois do pânico e do preconceito, isso tudo se torna simplesmente normal.

Um bocado de anos após uma leva de previsões do Fim do Mundo, desde profecias de antigos videntes até textos de origem duvidosa, constantemente postados internet afora e atribuídos como últimas palavras de médiuns e outros tipos de espiritualistas, as coisas realmente começaram a ficar bem estranhas. A magia se tornou finalmente intensa a ponto de afetar o plano físico. Então vieram outros tipos de pessoas com superpoderes e até mesmo criaturas de outros mundos. Organizações de heróis emergiram inspirados na ficção ao mesmo tempo que o submundo do crime, as grandes corporações corruptas e as mentes psicopatas infelizmente fizeram o mesmo, e logo o planeta se tornou cenário de saga cinematográfica.

Mas, então, enquanto heróis e vilões travavam batalhas que iam desde salvar o dia até salvar todo um planeta, algo a mais se desenvolvia nas sombras. Os sinais e aqueles que os conheciam continuavam, mas, se antes eles eram considerados loucos, teóricos das conspirações ridicularizados, agora, eles eram considerados sábios e visionários. Talvez esse sempre tenha sido o plano.

E então, um dia, eles simplesmente dominaram tudo.

Illuminati? Maçons? Uniões secretas de governantes poderosos? Seitas? Chame como quiser. Eles, os Deuses, sempre existiram. Os Anunnaki.

Mesmo com a traição de Enki e Lilith, estiveram alerta, preparando o solo e o gado para o dia em que os Anunnaki voltassem para requerer aquilo que haviam criado: a humanidade.

A economia de alguns países caiu do dia para a noite, enquanto alianças nunca imaginadas se formaram. Guerras acabaram enquanto outras começaram, líderes importantes foram assassinados, tantos outros se revelaram como importantes membros Deles (vamos assim chamá-los).

A grande massa foi submetida aos campos de concentração enquanto cidades douradas se formavam. Logo, somente a alta nobreza que compartilhava o sangue divino teria o direito à liberdade. Então, o próprio Rei Marduk, chegaria e firmaria a sua Nova Ordem Mundial. Logo tudo estaria perdido.

O vigilante conhecido como Anjo Negro folheava o diário pela terceira vez. Ainda era confuso de absorver. Suas crenças católicas há muito já estavam em conflito com tudo que ele vira nos últimos anos, mas aquele era sem dúvidas o golpe final em sua fé.

A Estátua da Liberdade brilhava dourada com tamanha intensidade que poderia ser vista do espaço, anunciando a vinda da princesa Inana, a emissária de Marduk.

\*\*\*

Diário de Lilith, Poucas Horas após A Queda

Estamos terminando de montar o nosso acampamento. Enki saiu para buscar lenha enquanto Adão está afastando os primitivos com a ajuda de seu povo. Na minha frente, Eva contempla o firmamento. Parece tão perdida quanto eu assim que acordei pela primeira vez, não muito tempo atrás.

Eu havia despertado sem nunca ter dormido. Nua, respirava com a ajuda de aparelhos, mergulhada de pé numa câmara de evolução acelerada. Muitos tubos, elétrodos e outras tantas parafernálias violavam a minha carne.

Minha cabeça doía. Visões, palavras, linguagens, dicionários. Feitiços, magias, encantos, estudos. Arte, luta, guerra, morte. Fome, amor, sexo... Sexo. Sexo... Muito sexo! Esse era o pensamento predominante.

Meu corpo arrepiou-se todo quando as criadas me acolheram em toalhas macias e douradas. Fui levada ao banho e depois a um quarto. Belas roupas e uma refeição deliciosa.

Mas, afinal como é que eu podia saber de tudo isso se acabara de nascer? E por que essa vontade libidinosa não me abandonava, essa ânsia de envolver-me com alguém o mais breve possível, muitas vezes. Afinal de contas, quem era eu?

— Porque ela foi criada para isso! — Foram as palavras do Rei Anunnaki ao Príncipe Enki, quando este o indagou sobre a minha infinidade de atributos, além do que ele descrevia como suprema beleza e desejos que se sentem apenas de estar na presença dela. Desejos fortes. Selvagens. Perigosos.

Não. Não estou me gabando de minha condição. Quero apenas neste diário inserir toda informação relevante.

Enki havia sido encarregado de me orientar. Me ensinar a digerir toda aquela carga de conhecimento instantâneo assim como ficar a cabo de preparar-me para minha adorável missão.

Chamam-nos de Anunnaki. Uma raça antiga, poderosa, militar e intelectualmente evoluída. Dizem terem se originado dos elementais da terra, algo élfico, enquanto outros os tratam como uma raça arrogante de dragões.

Seja como for, os Anunnakis são um povo em decadência. Abandonando os princípios divinos e as leis da Natureza, eles se aventuraram por caminhos perigosos e sem volta. Tudo em troca de avanços e melhorias em seus corpos, mentes e almas em extremos que os levariam a serem a espécie mais poderosa de todo o Universo e talvez mesmo do Multiverso.

Mas as experiências aos quais se expuseram logo cobrou seu preço. Ficando dependentes de uma substância nomeada de Pó de Ouro, feita do próprio mineral, seus corpos pereciam e eles morriam facilmente apesar de suas conquistas mágicas e tecnológicas. Um povo monstruosamente avançado, mas apático e dependente. Para eles, ouro se tornou como a água para os seres deste planeta.

Quando se esgotaram os recursos em seu mundo, eles iniciaram uma viagem por todo o Multiverso. A bordo de Hercólubus, seu próprio globo modificado para que servisse não só de lar, mas também de espaçonave, iniciaram uma jornada em busca de ouro, em busca de continuarem vivos. E assim, encontraram a Terra e me criaram.

Analisando cuidadosamente as espécies, eles notaram que certos primatas eram os mais apropriados para a evolução e para o início da forma humana. Então seu plano foi montado. Criar, por meio de processos alquímicos e técnicas de clonagem, a mulher perfeita. Bela e sensual, sábia, sedutora e dependente de sexo.

Sou um clone da princesa Inana. Fui projetada para ser lançada em meio aos homens-macacos para com eles copular e dar origem a uma nova espécie, mais forte e inteligente. Os seres serviriam como escravos para o Império Anunnaki no garimpo do ouro que tanto necessitavam.

O Rei só não contava com um detalhe... Eu possuía uma alma.

Alma e espírito. Coração e mente. Então eu, Lilith, não era mais a escrava sedenta de sexo dos Anunnakis. Eu era livre! Era tudo o que desejasse ser. Mas claro, era preciso cautela. Fisicamente, eu ainda era uma prisioneira e uma simples e descartável ferramenta.

Enquanto ainda tentava controlar os meus impulsos — a natureza e o instinto em mim programados — preparava-me para o primeiro encontro com o príncipe. Objetivo: fazê-lo refém e ordenar minha liberdade em troca. Eu só não esperava que ele fosse diferente do que eu imaginava.

O que surgiu à porta de meu quarto não foi um Anunnaki frio e sem sentimentos, um nobre de vestes e pele dourada, arrogante e indiferente a tudo que não fosse a si próprio, olhando todos por cima como se fossem fezes. O que vi foi um rapaz que acabara de ser libertado de uma solitária pela desobediência ao pai e às necessidades de seu povo.

Vestes simples, cabelos compridos e desgrenhados, barba malfeita, olhos de um vermelho intenso e perdido, assustado, angustiado... E senti por ele algo especial. Algo que não consistia em permitir que ele deitasse sobre mim, coisa que eu sentia por qualquer outro que já tivesse visto, até por mulheres. Senti algo realmente belo e sagrado, que ainda incluía um desejo ardente e carnal, mas que trazia junto algo de uma doçura e uma pureza que eu só havia entendido até então numa das muitas teorias e ensinamentos com os quais já nasci consciente de existirem.

Enki era contra os planos de colonização de seu pai, assim como de toda sua condição, tendo inclusive um imenso histórico de tentativas de suicídio por abstinência de ouro. Foi libertado sob a condição de me educar, o que acabei permitindo assim que ficamos frente a frente, e eis que seria essa a origem de nossa ruína final, assim como a origem, o Gênesis de todo um povo. Uma nova lenda.

Em cada passeio pelo Jardim do Éden (uma espécie de simulador que reproduzia um ambiente terrestre), em cada história contada pelo príncipe, cada momento, cada risada, nos sentíamos mais envolvidos e cada vez mais afastados da realidade Anunnaki e seus planos.

Enki sempre foi um amor... Meu Amor, e assim, um dia me declarei. E ele se declarou. E foi durante uma de minhas aulas de magia que tudo aconteceu.

Combinamos que ele diria aos sacerdotes que precisávamos de privacidade, pois eu tinha um enorme déficit de atenção devido à quantidade de coisas que foram plantadas em meu cérebro de uma vez.

E então aconteceu. A primeira vez na longa vida dele e nas minhas poucas semanas de vida. Pela primeira vez... Deixei-me render a todos os instintos selvagens e insaciáveis que banhavam a minha mente desde que abri os olhos. Pela primeira vez estava despida, tendo um homem sobre mim, mais que um homem. A pessoa que amava e que fazia tudo diferente.

Não eram apenas os nossos corpos ali entrelaçados, nossas genitálias e hormônios sincronizados em um prazer carnal e temporário. Eu sentia as batidas de seu coração, bebia de seus beijos, de seu perfume... Afagava-me nos cachos de seus cabelos, na alegria de seus olhos que arrancaram lágrimas de paixão e felicidade dos meus... E sentia que tudo isso era recíproco da parte dele.

Amamo-nos.

Essa era a palavra.

Amor.

Amor. Algo que nenhum Anunnaki mais conhecia. Nenhum, exceto o Príncipe.

Ficamos em nosso jogo por horas, no qual refizemos os nossos enlaces por muitas vezes, entre gemidos e murmúrios de prazer em nosso jardim secreto. Em nossa mistura de doçura e agonia, enquanto o tempo faminto reduzia o quanto poderíamos ficar ali sem levantar suspeitas. É claro que combinamos de voltar, de viver nossos dias de verdadeiro prazer enquanto fosse possível, enquanto não houvesse uma saída permanente.

Vivemos assim por quase um mês, mas, numa noite, enquanto admirava a Lua, senti que tudo mudaria para sempre. A intuição de uma bruxa é algo terrível. Ainda não sei se isso é mesmo um dom, ou uma sádica maldição.

O dia seguinte realmente destruiu as nossas expectativas. Uma nova criação foi apresentada. Seu nome era Adão, mas, diferente de mim, ele parecia não possuir quase nenhuma noção, tanto que ficava nu na presença de todos como uma criança, e ria ou se assustava com qualquer barulho ou objeto luminoso.

Sua missão: me preparar para o meu destino. Adão seria meu marido, meu dono, como eles disseram, com o qual eu saciaria meus desejos antes de sermos lançados ao mundo, onde, me lembraram novamente: eu pertenceria a todos.

Fui levada à força ao Éden sem que Enki fosse avisado. O Rei pareceu ter notado de alguma forma o que havia entre nós, era a única explicação. Talvez os longos tempos que nossas aulas levavam deixaram tudo óbvio demais. Muito relutante, meu amado havia partido numa missão de reconhecimento à Terra.

Adão era um brutamontes estúpido e sem qualquer delicadeza, querendo me obrigar a ficar sob ele, pois esta era a vontade de seu Pai. Minha recusa levou à sua confusão, que levou à insistência, à agressão e à minha fúria, com a qual quase o matei.

Levada pelos soldados de espadas flamejantes de Hercólubus, fui aprisionada numa fortaleza construída como medida preventiva no lado negro da Lua que na noite passada eu havia admirado com tanto receio. Nunca soube qual era o real propósito daquele lugar, mas o mais importante para mim é que meu enclausuramento não durou muito.

Enquanto eu buscava em minha imensa sabedoria uma forma de me libertar, Enki surgiu em sua nave dourada. Eu era incapaz de conter minhas lágrimas enquanto ele abria os portões da cela, mas havia novidades que não eram nada boas.

Considerando o Projeto Lilith um fracasso, uma nova figura feminina havia sido gerada: Eva. Desprovida da ciência de bem e mal assim como Adão, a pequena ignorante agora habitava o Jardim do Éden com seu amante, enquanto muitas cópias de ambos eram preparadas para que o plano de aceleração da evolução da raça humana e a colonização do planeta fosse iniciada.

Adão e Eva viviam em sua alienação, adorando o Rei, porém, apesar das limitações plantadas em seus cérebros, o casal e todos os seus clones eram dotados de almas. Isso aconteceu porque almas errantes de um longínquo reino na estrela Capela ocuparam aqueles corpos vazios para terem a chance de uma nova vida.

Agora, a chave para sua libertação estava em mim.

Eu, criada com a Ciência do Bem e do Mal, dotada de profunda magia e ciência, pude facilmente esconder um fruto que Enki trouxe para a minha alimentação com tudo o que eles precisavam para serem livres. O Fruto Proibido. Só bastava voltar ao Éden e fazer com que dessem uma mordida.

Enki Anunnaki, que na verdade sequer possuía mais este nome (da casa da qual abdicara), era um dos melhores guerreiros de Hercólubus. Enki, A Fúria das Águas! Assim era conhecido. E então, aquele homem de armadura tingida de vermelho atacou o seu próprio sangue. Sua espada ondulante respingava enquanto ele avançava, furioso. Isso já não importava para ele. A crueldade e loucura Anunnaki precisava ser combatida, e ele faria isso a qualquer custo, mesmo que lamentasse e se culpasse pelo resto de sua vida.

Para minha surpresa, ele não precisou fazer isso sozinho. Desde serviçais até um pequeno grupo de nobres e militares de alta patente se uniram a ele. Uma insurgência iniciara, embora tivéssemos noção de que nosso número era ridículo comparado aos fiéis do Rei Marduk.

Quanto a mim. Transmutei-me em uma serpente. Seria mais simples para a mente infantil deles um animal falante do que um clone rebelde de uma deusa. Então invadi o Éden, era fácil depois de tanto tempo passado ali.

Adão brincava de dar nomes aos animais, enquanto Eva se recuperava de mais uma investida violenta de seu parceiro. Bastaram algumas mentiras e ela mordeu a fruta, e logo depois foi a vez de Adão. Em seguida, nós três corríamos pelos corredores em meio à terrível batalha.

No laboratório, cientistas foram fáceis de derrubar. Adão era forte e eu tinha registradas em minha mente muitas formas rápidas de matar uma pessoa. Eva, agora ciente do seu livre-arbítrio, ajudou-me a encontrar a fórmula com a qual me criaram. Encontramos o soro que injetamos em cada clone e logo formamos uma rebelião ainda mais perigosa. O Rei e seu povo estavam em desespero.

Corremos para o convés onde ficavam as naves de fuga. Magia, lasers e espadas flamejantes se digladiando por todos os lados, até que o gigante surgiu.

Ele se declarava Adão Primordial.

Com um único soco, o gigantesco homem deformado lançou Enki contra as naves como se ele fosse de brinquedo. Um novo ataque e meu amor teria morrido se não fosse minha intervenção, mas me vi caída ao seu lado, de mãos dadas. Muitos clones o enfrentavam sem sucesso, Adão e Eva desesperados.

O gigante se aproximava. Nosso fim declarado. E então, enquanto éramos encarados com ódio e frieza pelo Rei diante do convés, um mensageiro surgiu.

— Encontramos um novo mundo, Majestade. Seu nome é Fractos e possui 200% mais minério de ouro do que Gaia.

Enquanto tentava processar as informações, o Rei chamava Adão Primordial novamente com alguns gestos e gritos. Só então notei a coleira no pescoço do gigante. Continha algo brilhante semelhante a uma bomba.

E então, o general dos Espadas de Fogo nos apontou as naves. Estávamos sendo expulsos do Jardim do Éden e exilados na Terra. Enki não era mais um príncipe e sequer tinha o direito de usar o título.

Entramos nas naves, empurrados pelos cavaleiros e ali a pouco, estávamos caindo sobre Gaia.

Ninguém chorava. Pelo contrário. Os Anunnakis enviaram um último aviso, de que ainda éramos sua propriedade e eles voltariam um dia.

— De agora em diante, viverão do fruto de seu trabalho até o dia em que Marduk retornará e julgará a todos, decidindo quem de vocês merecerá o Paraíso mais uma vez.

Não demorou muito para Enki e os outros Anunnakis expulsos perecerem sem sua dieta de ouro. Adão e Eva sofriam, assim como seu povo, a agonia de viver com a noção de certo e errado. Ao menos estávamos livres.

Meu coração profetizava a infinidade de dificuldades que passaríamos. A ignorância daquele povo deixava claro que ainda cometeriam inúmeras atrocidades.

Havia também um demônio de nome Samael que sondava as mentes dos habitantes primitivos daquele planeta e não tardaria a ter a família de Adão e Eva como alvo.

\*\*\*

Um novo capítulo na história do Multiverso se iniciava enquanto os terrestres contemplavam a queda da Serpente e do Dragão.

Após muita dificuldade e um esforço enorme para se manter vivo, mesmo tendo vivido por muito tempo como um deus para os humanos e deixado na Terra os relatos de sua passagem, Enki, assim como seu povo, morreu por falta de ouro. Lilith revoltou-se e por muitos anos amaldiçoou e atormentou a Terra como um demônio.

E assim como uma futura Eva acabou dando origem a Caim, o primeiro assassino, Lilith, ao copular com Samael, gerou o gênio monstruoso chamado Asmodeu, que queria em ser Deus.

E com Caim, Lilith deu origem aos lilins, os primeiros vampiros. A maioria deles foi aniquilada durante o dilúvio, na colheita de Azrael. Também os nefalens, a prole gigantesca que Satã (outro dos gênios decaídos), deixou ao copular com as humanas.

A dor e a ira de Lilith encontrou o seu fim apenas quando um grupo de arcanjos a exterminou nos desertos do Oriente. Então, sua alma confusa entendeu a verdade.

Nada se sabe sobre os karmas e castigos aos quais a Serpente do Éden foi submetida. Temos apenas a certeza de que seu espírito recuperou a razão e o caminho, e se reencontrou com o seu amado Enki.

Por seu Amor pela humanidade, o ex-príncipe ocupou o cargo de Cristo Rubi, e milhares de anos após a sua primeira morte na Terra, regressou com outro nome, e tendo como missão ensinar sobre o amor e fraternidade àquele povo.

Lilith continuou sendo sua eterna amada. Apesar de sua imagem manchada pela antiga aliança com Samael, ela seguiu em sua evolução, tornando-se uma entidade de profundos conhecimentos da magia, da guerra e da sexualidade.

Quando Enki caminhou mais uma vez pela Terra, ela estava lá com ele. Seu nome, era Magdalena.

Hoje, o Dragão habita os planos superiores em seu Castelo de Rubi, do qual sempre descende quando sua presença é necessária, seja em qual plano for, e qual sacrifício seja necessário.

A Serpente, por sua vez, habita o Submundo no qual adora distribuir poder àqueles que não o possuem, mas necessitam por causas justas, e em cujo templo treina um terrível exército de espectros, de projetos rejeitados, defeituosos e rebeldes, assim como ela foi considerada um dia.

Foram muitas vidas vividas juntas por ambos. Incontáveis delas, nesse ou em outros planetas, em prol da evolução de seus habitantes, e, apesar de terem se tornado tão distintos, jamais houve separação entre os dois. Jamais faltou o sentimento que os uniu e que deu origem à humanidade.

Se parares por alguns instantes, seja no cair da noite ou no alvorecer, poderá sentir. Poderá ouvir o calor, os sussurros, os beijos e murmúrios de um Amor que é carne e espírito que habita o Alto e o Submundo.

Sentirá a eterna história de amor da Serpente do Éden.

— É uma bonita história, sabe? — A voz feminina veio da porta do abrigo. Só agora o Anjo Negro se dera conta de que o diário não continha os últimos parágrafos, mas sim que haviam sido narrados por uma voz ofídica e sedutora ecoando em sua mente.

— Quem é você!? — Ele virou-se rapidamente, uma lâmina eletrificada apontada para a figura enquanto outros heróis, vilões e vigilantes se punham em guarda.

Uma mulher muito alta os encarava sorrindo. Um corpo de movimentos suaves e curvas voluptuosas demarcadas no vestido escuro justo. Sua pele pálida exibia escamas enquanto uma língua bifurcada recuava para dentro de sua boca de lábios carnudos. Asas escuras se erguiam em suas costas.

— Em breve a minha irmã Inana estará aqui anunciando a vinda de nosso querido papai dourado, Rei Marduk. Creio que precisará disso.

**Ela oferecia um suculento pomo encarnado.**